

Gravidez na adolescência relacionada ao tipo familiar e diálogo com os pais: revisão literária.

Pregnancy in adolescence related to family type and dialogue with parents: review literary.

David Feliciano Pereira

Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR e Especialista em Saúde Pública pela UNINTER.

Resumo

A adolescência é a fase do desenvolvimento humano que se inicia com alterações hormonais e corporais, também com transformações biológicas, psicológicas, sociais e jurídicas, exigindo do indivíduo a formulação de uma nova identidade, sendo esse o estágio transitório de criança para fase adulta. Neste período, a adolescente parte em busca de novas sensações corporais e sentimentais, quando muitas vezes ocorre a iniciação sexual. O novo panorama de descobertas propicia a primeira relação sexual e, com frequência, ocorre uma gravidez indesejada. Assim sendo, o presente artigo teve por objetivo analisar, por meio de revisão bibliográfica, em periódicos brasileiros, se o tipo familiar e o diálogo com os pais estão associados ao número de adolescentes grávidas. Metodologia: Optou-se por realizar revisão sistemática dos artigos selecionados referentes ao tema pesquisado. Resultados: foi possível identificar que, na maior parte das pesquisas, um menor nível sócio econômico e escolar estão associados ao aumento no número de adolescentes grávidas. Não foi possível analisar se a falta de diálogo com os pais também possuía tal associação. Verificou-se associação entre tipo familiar e influência no número de adolescentes grávidas, identificando uma prevalência de gravidez e maternidade menor entre aquelas que residiam com os seus pais, apresentando família do tipo nuclear.

Palavras-chave: Adolescente. Grávidas. Família.

Abstract

Adolescence is the stage of human development that begins with hormonal and bodily changes, also with biological, psychological, social and legal transformations, requiring the individual to formulate a new identity, which is the transitional stage from child to adulthood. In this period, the adolescent leaves in search of new sensations corporal and sentimental, when often initiates sexually. This new panorama of discoveries leads to the first sexual intercourse and often an unwanted pregnancy occurs. Thus, this article aimed to analyze, through a bibliographical review, in Brazilian journals, if the family type and the dialogue with the parents are associated with the number of pregnant adolescents. Methodology: It was decided to carry out systematic review of the selected articles referring to the researched topic. Results: it was possible to identify that, in the majority of the researches, a lower socioeconomic and school level are associated to the increase in the number of pregnant adolescents. It was not possible to analyze whether the lack of dialogue with parents also had such an association. There was an association between family type and influence on the number of pregnant adolescents, identifying a prevalence of minor pregnancy and maternity among those who lived with their parents, presenting family of the nuclear type.

Key-words: Adolescents. Pregnant. Family.

INTRODUÇÃO

A adolescência é o período de desenvolvimento humano que inicia com alterações hormonais e corporais (puberdade) finalizando com a consolidação de sua personalidade, é considerado como o estágio transitória de criança para fase adulta. O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) de 1990 classifica adolescente como o indivíduo com idade de 12 a 18 (BRASIL, 2008), enquanto a Organização Mundial da Saúde (OMS), estipula como limite cronológico da adolescência a idade entre 10 e 19 anos. Esse estágio de mudanças em que ocorrem transformações biológicas, psicológicas, sociais e jurídicas, exigem do adolescente a formulação de uma nova identidade, gerando questionamentos e instabilidade no convívio, com a família, amigos e consigo mesmo (FARIA et al., 2012). Neste contexto, Bretãs et al., (2008) afirma que "o adolescente vive um período novo em sua vida, buscado, encontrar como definir o seu papel dentro do círculo social no qual está inserido. Nessa nova fase de transição da infância para a fase adulta, novas relações interpessoais são vivenciadas e estabelecidas, por meio da interação de um grupo de iguais".

Nela, muitas vezes ocorre a iniciação sexual, em busca de novas sensações corporais e sentimentais. Assim, neste novo panorama de descobertas acontece a primeira relação sexual, e com frequência, ocorre uma gravidez indesejada. Pesquisas identificam um número crescente de adolescentes grávidas, fato preocupante para Saúde Pública, haja vista, a associação na dispersão das (DSTs) Doenças Sexualmente Transmissíveis (TAQUETTE, 2013).

A gravidez na adolescência pode ser influenciada por situações multifatoriais. Dessa forma, é possível identificar na literatura um maior interesse no que diz respeito, à escolaridade, raça (etnia) e nível econômico (GODINHO

et al., 2000; HEILBORN et al., 2002; NERY et al., 2011; NETO et al., 2007). Esse trabalho justifica-se devido ao fato da existência de outros fatores pouco pesquisados como: o diálogo com os pais e tipo familiar, que também demonstram estar associados com o aumento do número de adolescentes grávidas (FIGUEIRÓ, 2002; MALTA et al., 2011) e apresentam escassez de análises nessas áreas.

A partir desse contexto, é de suma importância compreender os fatores sociofamiliares que estão relacionadas à gravidez na adolescência, com o objetivo de fornecer dados relevantes à elaboração de procedimentos de intervenção visando sua redução e melhoria da qualidade de vida das adolescentes. Assim, este artigo busca verificar a seguinte problemática: o tipo familiar e diálogo com os pais estão relacionados ao aumento de adolescentes grávidas?

O presente artigo teve por objetivo analisar por meio de revisão bibliográfica em periódicos brasileiros se o tipo familiar e o diálogo com os pais estão associados ao número de adolescentes grávidas. Para tal, elencou-se como objetivo específico: verificar se o tipo familiar e o diálogo com os pais podem influenciar na redução do número de adolescentes grávidas.

METODOLOGIA

O presente artigo buscou revisar os periódicos nacionais de publicação online produzidos entre os anos de 1998 a 2016. Foi realizada pesquisa bibliográfica na base de dados Scielo no período de março a maio de 2017, utilizando critérios de inclusão e exclusão de artigos sobre a temática: gravidez na adolescência.

Para tanto, empregou-se os descritores: gravidez and adolescência and família; sendo encontrados um total de 56 periódicos.

Dos periódicos encontrados, foram incluídos os estudos que expressaram relação com a temática nas áreas: revisão bibliográfica (1), nível

econômico (7 periódicos que expressaram resultados sobre renda familiar e trabalho), escolaridade (4 pesquisas que verificaram a evasão escolar e nível de escolaridade – ver tabela 1) e relação familiar (16 artigos de projetos de intervenção com as adolescentes e familiares – tabela 2), sobrando assim, de todas as pesquisas encontradas, um total de 28 periódicos utilizados para execução deste artigo.

Tabela 2. Estudos acerca da gravidez na adolescência: relação familiar e tipo de família.

| Autor | Grupo estudado | N | Tipo familiar | Ano de publicação |
|-----------------|--|----------------|---------------------------|--------------------------|
| Dias e Gomes | Famílias de adolescentes | 8 | Não informado | 1999 |
| Godinho et al., | Adolescentes de 13 a 19 anos | 20 | Não informado | 2000 |
| Figueiró | 2.189 eram adolescentes entre 10 a 19 anos | 16.253 pessoas | Não informado | 2002 |
| Morais e Garcia | Família de adolescentes | 14 | Não informado | 2002 |
| Persona et al., | Adolescentes de 11 a 17 anos | 18 | Não informado | 2004 |
| Lima et al., | Adolescentes de 10 a 19 anos | 19 | Não informado | 2004 |
| Silva e Tonente | Familiares: mães, avós, tias e sogras | 9 | Não informado | 2006 |
| Monteiro | Adolescentes de 17 a 19 anos | 15 | Não informado | 2007 |
| Moreira et al., | Adolescentes de 14 a 18 anos | 12 | Não informado | 2008 |
| Hoga et al., | Familiares: mães, pais e irmãs | 19 | 9 Nuclear 10 Extensiva | 2009 |

| | | | | |
|--------------------|--|----|---|------|
| Hoga et al., | Familiares: mães, pais e irmãs | 19 | 9 Nuclear 10 Extensiva | 2010 |
| Baratieri e Marcon | Adolescentes de 15 a 18 anos | 16 | 9 Nuclear 7 Extensiva | 2011 |
| Faria et al., | Adolescentes de 15 a 19 anos | 8 | Não informado | 2012 |
| Domingos et al., | Adolescentes com idade > 18 e <20 anos | 3 | Não informado | 2013 |
| Braga et al., | Adolescentes de 10 a 19 anos | 20 | 10 Nuclear 9 Extensiva 1 Monoparental | 2014 |
| Araujo e Madú | Adolescentes de 15 a 18 anos | 12 | Não informado | 2016 |
| Total: 16 artigos | | | | |

Fonte: o próprio autor.

Foram excluídos os estudos que verificaram gravidez na adolescência em outros países que não fosse no Brasil; análises sobre situações nutricionais das adolescentes e da criança; incesto; planejamento familiar e anticoncepção; percepção do parto e percepção corporal; pesquisas com foco no pai adolescente ou sua família; programas de saúde focalizando atenção primária; totalizando 28 descartados.

Para descrição dos resultados foi utilizado o delineamento descritivo.

REVISÃO DA LITERATURA

Taxas de fecundidade no Brasil, 1940 a 2010

A gravidez na adolescência vem destacando-se em todo o mundo como um dos problemas sociais mais significantes da atualidade

(RENEPONTES; EISENSTEIN 2005). Pesquisa realizada por Taquette (2013) identificaram um número crescente de adolescentes grávidas, fator preocupante para toda sociedade, haja vista, a associação na dispersão das (DSTs) Doenças Sexualmente Transmissíveis, além do crescimento no número de abortos (FARIA et al., 2012).

Segundo Dias e Teixeira (2010), a gravidez na adolescência tornou-se um problema de saúde pública, pois acarreta risco biopsicossocial, trazendo consequências desfavoráveis para as adolescentes e também para a sociedade.

No Brasil em 1940 o número médio de filhos nascidos vivos por mulher era de 6,1 filhos, já em 1991 esses números caíram para 2,9 filhos (IBGE, 2000). Mesmo ocorrendo essa redução, estudos demonstraram que os jovens brasileiros da década de 1990, ainda não conseguiam separar relação sexual de reprodução. Os periódicos identificaram que a falta de acesso a métodos contraceptivos e a falta de educação sexual eram fatores determinantes para o alto índice de gravidez indesejada (HOGA et al., 2010; NETO et al., 2007).

Alguns anos depois em 2010, o número médio de filhos por mulher caiu ainda mais, sendo reduzido para 1,9 filhos, uma diminuição de 69,2% quando comparado ao ano de 1940 (IBGE, 2010). Porém, mesmo que a taxa de fecundidade tenha diminuído, a gravidez na adolescência demonstrasse relativamente alta.

As taxas de fecundidade específicas por idade, de acordo com o IBGE demonstraram quedas em todas as faixas etárias entre os anos de 2000 e 2010, entretanto, no grupo etário das adolescentes, com idade variando de 15 a 19 anos, verificou uma redução de apenas 1,1%.

O gráfico 1 apresenta as taxas específicas de fecundidade no Brasil entre os anos 2000 e 2010, ilustrando os resultados obtidos pelo IBGE através do censo demográfico, possibilitando assim visualizar de forma mais ampla o assunto.

O gráfico 1 referente a Distribuição relativa das taxas específicas de fecundidade no Brasil entre os anos 2000 e 2010, demonstra que: entre mulheres com 20 a 24 anos de idade ocorreu uma queda no padrão de fecundidade no decorrer dos anos, a taxa caiu de 29,3% no ano 2000 para 27% em 2010. Resultado menos pronunciados foram verificados entre adolescentes de 15 a 19 anos, saindo de taxas de 18,8% para 17,7%, entre 2000 e 2010 respectivamente.

Não foram localizados dados emitidos pelo IBGE referente as taxas de fecundidade específicas por idade no Brasil após o ano de 2010.

Dessa forma, os parágrafos a seguir irão discutir possíveis fatores associados a gravidez na adolescência, sendo eles: nível socioeconômico, escolaridade, tipo familiar e relação familiar (identificada pelo diálogo com os pais).

Gráfico 1. Distribuição relativa das taxas específicas de fecundidade, Brasil – 2000/2010.

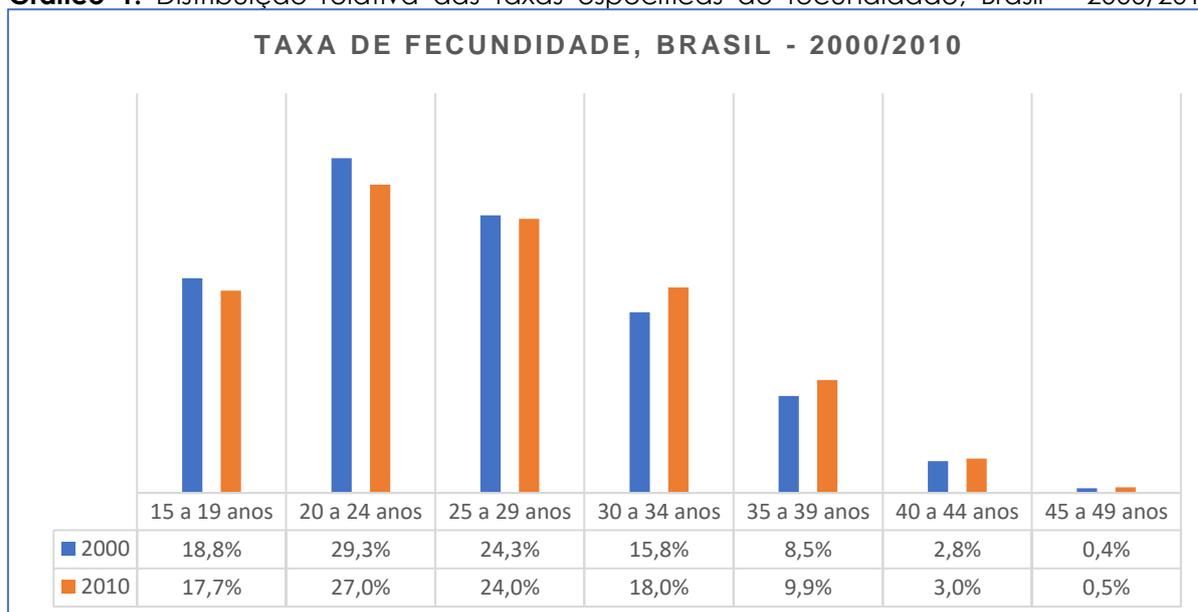


Gráfico Adaptado Fonte: www.ibge.gov.br/.../00000008473104122012315727483985.pdf - acesso em 25/04/2017.

Nível socioeconômico e sua associação com a gravidez na adolescência

A literatura demonstra que, ao se notar grávida, a adolescente confronta diversos obstáculos dependendo, sobretudo, de seu nível social (GODINHO et al., 2000; HEILBORN et al., 2002). Em uma pesquisa realizada em São Paulo por Chalem et al., (2007) foi constatado que 88,2% das adolescentes gestantes, pertenciam à classe C e D. Sendo que, destas, 64,9% relataram possuir renda mensal familiar de até quatro salários mínimos. Resultados semelhantes foram encontrados anos mais tarde por Taborda et al., (2014) que, ao verificar consequências da gravidez na adolescência relacionada a diferenças socioeconômicas, identificou a menor idade no momento do parto para adolescente de menor nível social quando comparada com a classe A, 13 e 17 anos, respectivamente.

Carniel et. al., (2006) em estudo efetuado em Campinas-SP na qual a idade materna era < 20 anos e ≥ 20 anos, a variável pobreza foi identificada como a explicativa para o surgimento da gravidez na adolescência. Revelando que da totalidade das entrevistadas, 40% residiam em bairros de baixos índices de vida, enquanto que os restantes da amostra com idade acima a 20 anos moravam em locais com índices de vida superiores.

Porém, de acordo com pesquisa realizada por Sabroza² et al., (2004) em 1.228 puérperas com idade entre 12 e 19 anos do município do Rio de Janeiro, não foi verificado diferença significativa comparando local de moradia (favelas), e maior probabilidade de engravidar na adolescência. Estes resultados sugerem que a gravidez durante a adolescência tenderia a ocorrer em locais com maior pobreza, embora interligada com outras variáveis.

Atrelados a este contexto, observava-se que devido à falta de renda própria as adolescentes grávidas têm dificuldades de auto sobrevivência, necessitando do auxílio dos familiares e/ou companheiro. Em estudo realizado na cidade de Fortaleza/CE em 40 meninas na faixa etária entre 10 e 19 anos, analisando fatores em relação as condições de moradia, constataram que 70% continuam a morar com a família (ARCANJO; OLIVEIRA e BEZERRA, 2007). Esses dados corroboram estudo realizado por Hoga et al., (2010) em amostra de 21 adolescentes mães moradoras em uma comunidade de baixa renda

em São Paulo/SP, as quais mencionaram como alguns dos principais problemas relacionados a ocorrência da gravidez na adolescência, as dificuldades financeiras e a consecutiva falta de dinheiro para adquirir anticoncepcionais.

Outros fatores podem estar relacionados a carência de renda própria para a jovem mãe, como: a falta de emprego remunerado e/ou saída do mesmo em decorrência da gestação. Almeida et al., (2003) ao verificar as condições de trabalho de 140 adolescentes de 13 a 19 anos identificou que, 31,5% das adolescentes nunca haviam trabalhado e 17,1% interromperam o trabalho em decorrência da gravidez, apenas 10,7% delas continuaram a trabalhar após ter engravidado.

Revisão bibliográfica realizado por Moreira et al., (2008) ratificaram esses dados, constatando que a dificuldade das adolescentes grávidas e mães entrarem no mercado de trabalho é muitas vezes devido à ausência de profissionalização associado a baixa escolaridade, colocando mães e filhos em situação de risco social. Dessa forma, o tópico a seguir irá abordar o tema escolaridade e suas influências sobre a gravidez na adolescência.

A influência da escolaridade sobre a gravidez na adolescência

Segundo a literatura pesquisada, também pode existir associação entre baixa escolaridade e maiores índices de adolescentes grávidas. Resultados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente aos anos 2000 a 2010 ao jornal O Globo e divulgadas no ano de 2016, demonstram uma associação entre menor grau de instrução e um maior número de filhos.

O gráfico 2, referente ao número de filhos de acordo com o nível de escolaridade da mãe também revela que, quanto maior o grau de instrução da mãe, menor será a quantidade de filhos. No ano 2000, quando comparadas as mães: sem instrução, fundamental completo, médio completo, superior completo e o número de filhos, os dados revelaram

diminuição significativa, sendo 3,43, 2,25, 1,46 e 1,13, respectivamente. Fato semelhante também foi observado no ano de 2010, demonstrando uma queda quando relacionado a quantidade de filhos ao grau de instrução da mãe.

Gráfico 2. Quantidade de filhos de acordo com a escolaridade da mãe.

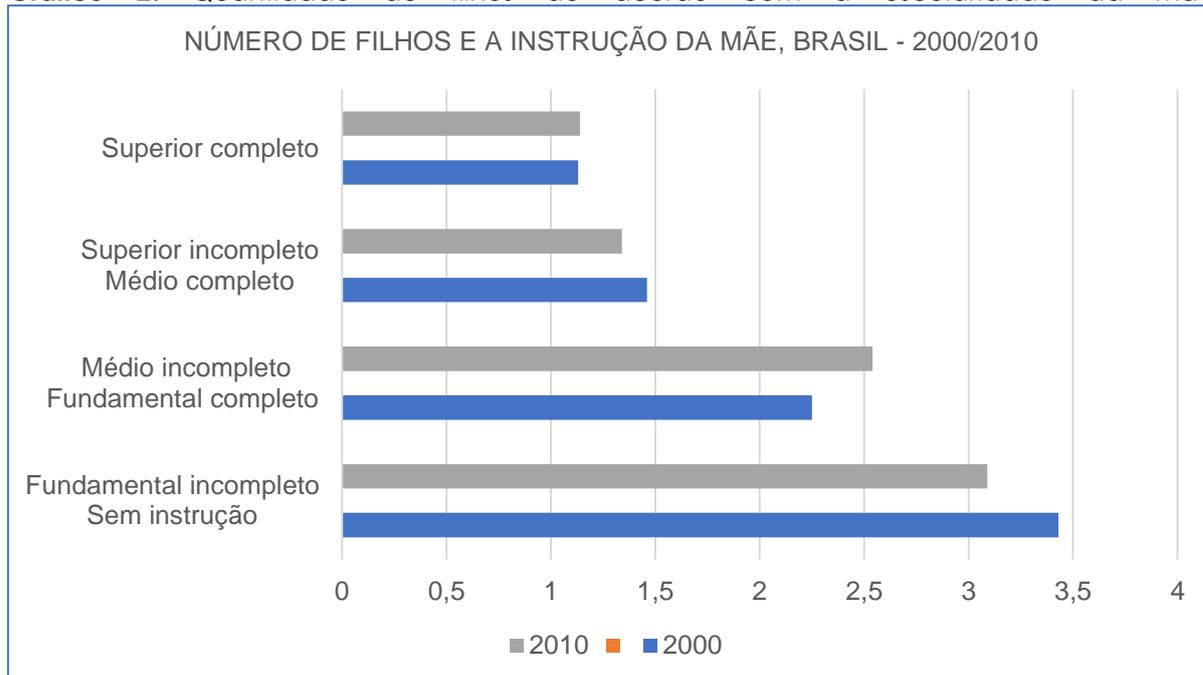


Gráfico adaptado: Fonte jornal O Globo (online: <https://oglobo.globo.com>) publicado em 4/06/2016.

Da mesma forma, Neto et al., (2007) ao verificar os motivos e percepções da gravidez na adolescência em uma amostra de 216 adolescentes entre 12 e 16 anos de idade, verificou que 88% (190) das adolescentes tinham algum nível de estudo; sendo, que destas 43% tinham menos de seis anos de estudo, do restante da amostra 14 (6,5%) meninas eram analfabetas e 12 (5,5%) não responderam. Belarmino et al., (2009) investigando 40 gestantes adolescentes de 12 a 19 anos de idade, detectou variação no perfil de escolaridade, da seguinte forma: ensino fundamental completo 6 (15%), ensino fundamental incompleto 13 (32,5%), ensino médio

completo apenas 8 (20%) e ensino médio incompleto 13 (32,5%), também demonstrando baixa escolaridade.

Resultados similares foram encontrados em trabalho realizado em Teresina (NERY et al., 2011) buscando analisar fatores sócio-econômico-cultural e obstétrico em reincidência de gravidez na adolescência, identificando que 86,9% encontrava-se com escolaridade inadequada para a idade e 69,6% da amostra analisada estava fora da escola.

Em outro trabalho de Sabroza¹ et al., (2004) foi possível observar que houve um maior número de adolescentes de 12 a 19 anos de idade, fora da escola ao engravidar 27,1%, quando comparado com as que estudavam 19,8%, 174 e 112 meninas respectivamente. Pesquisa realizada por Arcanjo, Oliveira e Bezerra (2007) demonstraram que 50% das adolescentes de sua amostra, deixaram os estudos em decorrência da gravidez. Dos os argumentos utilizados, os mais alarmantes são os seguintes: a falta de interesse 25% e porque não gostam de estudar ou não acham importante 20%.

Estudo feito por Almeida et al., (2003) constatou 31,4% das adolescentes estudavam quando engravidavam e que após o parto apenas 14,2% delas continuavam frequentando a escola, fato preocupante, haja visto que a situação escolar enquanto indicador de qualidade de vida fica comprometida.

Tipo familiar e diálogo com os pais e suas influências sobre o número de adolescentes grávidas

Para descrição dos resultados encontrados foi utilizado o delineamento descritivo, devido à grande variação de metodológica utilizada nos estudos analisados.

Os dados levantados ilustraram um possível desconhecimento dos pais da vida sexual ativa de suas filhas que ao serem comunicados sobre a gravidez, eram surpreendidos pelo assunto. Nesse sentido Silva e Tonente (2006, p. 202) demonstrou que:

Em relação ao sentimento da família no momento da descoberta da gravidez, a análise dos discursos deste estudo permitiu que se identificasse que a notícia sobre a gestação da adolescente solteira, em um primeiro momento, representou um “choque” para seus familiares, por se tratar de um acontecimento inesperado. Entretanto, aos poucos, as famílias passaram a aceitar e a se conformar com a situação.

Já, com relação aos os artigos que abordaram os diálogos das adolescentes com os pais, sobre assuntos como: sexualidade, sexo ou utilização de métodos contraceptivos, os pais demonstraram falta de conhecimento sobre o assunto ou não se dispunham a dialogar. Atrelados a este contexto Dias e Gomes (1999, p. 86) já haviam verificado anos atrás que “[...] A utilização de métodos contraceptivos, na adolescência, [...], foi prejudicada por causa da desinformação, de valores religiosos ou até mesmo de planos futuros para ter filhos. Temia-se que determinados métodos pudessem prejudicar a fertilidade [...]”.

Anos mais tarde Domingos et al., (2013, p.5), identificou resultados similares em seu estudo verificando que

Os pais, por não disporem de informação ou por constrangimento em falar sobre sexo com seus filhos, acabam não cumprindo seu papel de educadores e não transmitem a orientação sexual adequada, deixando o jovem em desvantagem. Grande parte dos problemas das famílias nos dias atuais se deve à falta de diálogo dos pais com os filhos, principalmente naquelas em que há filhos adolescentes e os conflitos específicos da idade tendem a ampliar o confronto familiar. Sendo que, nesse contexto, é necessário que haja aumento na flexibilidade e equilíbrio na autoridade dos pais para com os filhos, de modo a se manter a harmonia familiar para que os adolescentes possam se sentir mais seguros.

No mesmo sentido, Monteiro et al., (2007 p. 375) analisando os dados sobre a relação familiar da adolescente com seus pais e o respectivo diálogos sobre sexualidade, verificou que

Nos discursos a maioria das adolescentes fala da convivência com sua família como uma relação harmoniosa, considerada normal, incluindo a presença de diálogo e respeito. Entretanto, elas não se referiam a diálogos sobre sexualidade e orientações à cerca da gravidez na adolescência. Nesse sentido os pais, em sua maioria, encontram-se despreparados para avançar nesse diálogo, embora, “às vezes a

adolescente até quer contar suas experiências, mas muitos pais fantasiam ter uma eterna criança dentro de casa.

Os artigos revelaram que ao confirmar a gravidez, algumas adolescentes “[...] vivenciam esta situação sozinhas ou compartilham com seus parceiros devido ao medo da não aceitação da família: [...]” (FARIA et al., 2012, p. 22).

De modo semelhante Monteiro et al., (2007 p. 375) identificou que

Com a descoberta da gravidez, o relacionamento com a família, a não aceitação do fato, gera conflitos que ultrapassam a sentimentos de mágoa, de vergonha, de perplexidade. A relação paterna, principalmente, se tornou difícil.

De modo geral, não foi possível identificar um padrão com relação a quem as adolescentes preferiram compartilhar primeiramente o fato da gravidez, variando de adolescentes recorreram principalmente ao marido/companheiro e à mãe (LIMA et al., 2004); mãe (ARAUJO E MANDÚ, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todos os 28 artigos utilizados por esta pesquisa estão listados nas tabelas 1 e 2 deste trabalho, os principais resultados também são apresentados. Estes, foram separados de acordo com suas áreas temáticas em 4 grupos, são elas: revisão bibliográfica, nível econômico, nível de escolaridade (totalizando 12 artigos – ver tabela 1) e relação familiar (contendo 16 artigos - tabela 2 na seção de metodologia).

Tabela 1. Artigos de revisão, nível econômico, escolaridade e seus principais resultados.

| Artigo de revisão | | | | |
|-------------------------|----------------|----|-----------------------------|-------------------|
| Autor | Grupo estudado | N | Resultados encontrados | Ano de publicação |
| Pariz; Mengarda; Frizzo | Artigos | 31 | Os resultados apresentaram: | 2012 |

| | | | Déficit na orientação das adolescentes que não têm encontrado, na família, na sociedade ou nas políticas públicas a clareza necessária para fazer escolhas mais conscientes e assertivas. | |
|--------------------------------------|--------------------------------------|------|---|-------------------|
| Artigos sobre nível econômico | | | | |
| Autor | Grupo estudado | N | Resultados encontrados | Ano de publicação |
| Almeida et al., | Adolescentes de 13 a 19 anos | 140 | A maioria delas (adolescentes de baixa renda) não entrarão no mercado de trabalho, aquelas que trabalham têm o suporte da família para o cuidado do filho. | 2003 |
| Sabroza ² et al., | Adolescentes de 12 a 19 anos | 1228 | As adolescentes em idade mais precoce e sem união consensual apresentam piores condições sócio-demográficas e psicossociais. | 2004 |
| Arcanjo; Oliveira; Bezerra | Adolescentes de 10 a 19 anos | 40 | Após grávidas 70% delas continuavam morando com a família, 60% não utilizavam método contraceptivo, 27,5% não têm planos para o futuro. | 2007 |
| Hoga | Adolescentes de 14 a 18 anos | 21 | A seguinte descritiva emergiu das narrativas (das adolescentes de baixa renda): Conhecimento e acesso insuficientes aos contraceptivos. | 2008 |
| Diniz e Koller | Meninos e meninas com idade ≤19 anos | 452 | Gravidez durante a adolescência se associou a: morar | 2012 |

| | | | com o companheiro, utilização da pílula, menor idade para iniciação sexual, consumo de bebida alcoólica, e menor divisão das tarefas domésticas na família. | |
|--|------------------------------|------|--|-------------------|
| Rossetto et al., | Adolescentes de 14 a 16 anos | 850 | A prevalência de sofrimento psíquico intenso foi 32,6%, estando associado à baixa classe social. | 2014 |
| Taborda et al., | Adolescentes de 13 a 18 anos | 20 | Famílias com baixa renda: tem menor chance de qualificação profissional e dependência financeira absoluta da família. | 2014 |
| Artigos sobre nível de escolaridade | | | | |
| Autor | Grupo estudado | N | Resultados encontrados | Ano de publicação |
| Sabroza ¹ et al., | Adolescentes de 12 a 19 anos | 1228 | As que estavam fora da escola quando engravidaram tiveram também uma pior autovalorização e menores expectativas em relação ao futuro. | 2004 |
| Neto et al., | Adolescentes de 12 a 19 anos | 216 | Apenas 10,2% referem continuar a estudar. | 2007 |
| Belarmino et al., | Adolescentes de 10 a 19 anos | 40 | Quanto à ocupação as adolescentes declararam-se: 45% estudantes, 32,5% do lar e 23% trabalhavam. Quanto a escolaridade: 20% tinham concluído ensino médio, 15% | 2009 |

| | | | | |
|-------------------|--|-----|---|------|
| | | | já haviam concluído o ensino fundamental e 32,5% tinham abandonado ou estavam cursando o fundamental. | |
| Nery et al., | Jovens que finalizaram sua gestação com 15 a 19 anos | 464 | Reincidência em gestação: 69,6% fora da escola; 86,9% com escolaridade inadequada para a idade. | 2011 |
| Total: 12 artigos | | | | |

Fonte: o próprio autor.

O artigo de revisão bibliográfica identificou que a família, sociedade e governo tem falhado na orientação das adolescentes, não mostrando com clareza quais escolhas seriam mais sensatas (Pariz; Mengarda; Frizzo, 2012).

Com relação ao ponto de vista econômico e suas influências sobre o maior índice de gravidez na adolescência, os estudos analisados apresentaram resultados semelhantes àqueles encontrados em publicações anteriores. Isto é, baixo nível econômico tem relação com um maior índice de gravidez em adolescentes, associados a: dificuldades para conseguir o primeiro emprego ou manter-se nele, falta de conhecimento e acesso a contraceptivos, falta de moradia própria e dependência absoluta da família.

Um dos resultados que chamou à atenção foi publicado no artigo de Rossetto et al., (2014), que ao analisar adolescentes de baixa renda de Porto Alegre verificou que gravidez na adolescência estava associado a prevalência de sofrimento psíquico intenso, com uma taxa de 32,6% das jovens pesquisadas. Corroborando estes resultados Sabroza et al., (2004) que também se encontra no mesmo grupo de análise do nível econômico, pesquisaram 1.228 mães de 12 a 19 anos do Município do Rio de Janeiro, e identificaram prevalências de 63,3% e 40,2%, para sentimentos negativos em relação ao bebê e tentativa de aborto, respectivamente.

Os resultados identificados nesses dois artigos, demonstram uma alta necessidade de observar as questões psíquico/afetivas das adolescentes grávidas, já que estas podem provocar perdas irreparáveis tanto à jovem quanto ao bebê.

O presente estudo evidencia, ainda, que há associação entre baixo nível de escolaridade e gravidez em adolescentes, identificados pela maior parcela de jovens mães possuírem menos tempo de estudo. Neste sentido, Belarmino et al., (2009) investigando adolescentes grávidas de 12 a 19 anos de idade, detectou o nível de escolaridade de 15% das adolescentes com ensino fundamental completo e 32,5% com ensino fundamental incompleto, totalizando 19 de um total de 40 adolescentes.

Porém, a causa de abandono escolar pode não estar diretamente ligado a gravidez nas adolescentes, pois, estudos demonstraram que parte considerável de gestantes já não frequentavam a escola antes de se descobrirem grávidas (NETO et al., 2007; SABROZA¹ et al., 2004).

Os fatores como, a maternidade e a nova composição da família, influenciam a vida escolar das adolescentes, obrigando-as a arcar com responsabilidades e assumir atitudes maduras inabilitando-as para a escolarização. Os resultados referentes a associação entre gravidez na adolescência e menor nível escolar requer maior explanação.

Os 16 artigos encontrados com relação ao tema de interesse: Gravidez na adolescência – relação familiar e tipo de família, estão listados conforme demonstra a tabela 2, localizado logo abaixo na metodologia.

Apenas quatro artigos expressavam o tipo familiar, sendo que, um deles só permitiu a classificação das famílias através dos dados fornecidos. Isso ocorreu no artigo de Braga et al., (2014) que ao analisar 20 adolescentes grávidas com idade de 10 a 19 anos, o autor, não explicitou o tipo familiar, porém, em seus questionários foi possível identificar com quem a adolescente residia, possibilitando assim a classificação de suas famílias, sendo 10 famílias nucleares, 9 extensivas e 1 monoparental. Para melhor elucidação sobre o assunto, considerou-se nesse artigo as caracterizações das famílias da

seguinte forma: nucleares – pai e mãe ou pai, mãe e filhos; extensivas: pai, mãe, filhos e qualquer outra pessoa, monoparentais: mãe e filho ou pai e filho.

Dados referentes a relação familiar e diálogo com os pais, apresentaram maiores números de periódicos disponíveis. Porém, estes mostraram falta de padronização nas coletas de dados e alta variação na utilização em protocolos de pesquisa.

Com relação ao tipo familiar, poucos autores se interessam por identificar em suas pesquisas essa caracterização, isso fica explícito devido à baixa quantidade de periódicos encontrados que expuseram esses dados, um total de apenas três.

Ainda assim, foi possível verificar a associação entre tipo familiar e influência no número de adolescentes grávidas. Em pesquisa realizada por Figueiró (2002) verificou que ao analisar o local de moradia das adolescentes, foi identificado uma prevalência de gravidez e maternidade menor entre aquelas que residiam com os seus pais, ou seja, as que apresentaram família do tipo nuclear. Esses resultados podem ser decorrentes de uma iniciação sexual precoce dos adolescentes que moram sem seus pais. Dados similares foram encontrados pela pesquisa nacional sobre saúde dos escolares em 2011, verificando que adolescentes (13 a 15 anos), apresentaram uma iniciação sexual mais cedo naqueles que residiam em lares monoparental quando comparados aos que residiam com família nuclear (MALTA et al., 2011).

Novas investigações devem ser estimuladas na área de diálogo com os pais e tipo familiar verificando suas influências sobre a gravidez na adolescência, podendo assim obter resultados mais significativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, dentre os objetivos que foram propostos no início deste artigo, foi possível identificar que na maior parte das pesquisas, um menor nível

sócio econômico e escolar, estão associados ao aumento no número de adolescentes grávidas.

Não foi possível verificar se a falta de diálogo como os pais, também possuía tal associação, o fato explicasse devido as abordagens qualitativas das coletas de dados dos artigos analisados, e a forma de exposição de dados, os quais eram realizadas através de falas transcritas e ou gravadas. Neste sentido, nenhum artigo analisou se a relação familiar, demonstrada através do diálogo, possuía caráter protetor ou propulsor para engravidar na fase de adolescência.

Foi encontrado associação entre tipo familiar e influência no número de adolescentes grávidas, identificado uma menor prevalência de gravidez nas adolescentes que residiam com famílias do tipo nuclear (Figueiró, 2002).

Em relação a quantia de periódicos pesquisados, verificou uma baixa produção acadêmica buscando analisar de forma mais sistematizada as influencias das relações familiares. Destacasse como fator limitador do presente artigo a utilização de escasso número de períodos analisados, sendo necessário novas abordagens que incluam maior quantia de pesquisas. Em conclusão, novas investigações em amostras distintas devem ser realizadas podendo assim obter resultados mais significativos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. et al. **Maternidade na adolescência: um desafio a ser enfrentado**. Rev. bras. enferm., Out 2003, vol.56, no.5, p.519-522. ISSN 0034-7167

ARAUJO, N. B.; MANDÚ, E. N. T. Produção de sentidos entre adolescentes sobre o cuidado de si na gravidez. Interface (Botucatu), Jun 2016, vol.20, no.57, p.363-375. ISSN 1414-3283

ARCANJO, C. M.; OLIVEIRA, M. I. V.; BEZERRA, M. G. A. **Gravidez em adolescentes de uma unidade municipal de saúde em Fortaleza - Ceará**. Esc. Anna Nery, Set 2007, vol.11, no.3, p.445-451. ISSN 1414-8145

BARATIERI, T.; V. V. C. L.; MARCON, S. S. A visão da adolescente com reincidência gestacional sobre família. Esc. Anna Nery, Jun 2011, vol.15, no.2, p.261-269. ISSN 1414-8145

BELARMINO, G. O. et al. **Risco nutricional entre gestantes adolescentes**. Acta paul. enferm., 2009, vol.22, no.2, p.169-175. ISSN 0103-2100

BRAGA, I. F. et al. Percepções de adolescentes sobre o apoio social na maternidade no contexto da atenção primária. Esc Anna Nery, Set 2014, vol.18, no.3, p.448-455. ISSN 1414-8145

BRASIL. Ministério da Saúde. Estatuto da Criança e do Adolescente / Ministério da Saúde. – 3. ed. – Brasília: Editora do MINISTÉRIO da Saúde, 2008. 96 p. – (Série E. Legislação de Saúde). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_crianca_adolescente_3_ed.pdf

BRETÂS, J. R. S. et al. Os Rituais de Passagem Segundo adolescentes. Acta Paul Enferm, v. 21, n.3, p. 404-11, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v21n3/04.pdf>>

CARNIEL, E. F. et al. Características das mães adolescentes e de seus recém-nascidos e fatores de risco para a gravidez na adolescência em Campinas, SP, Brasil. Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil, 6(4), 419-426. 2006.

CHALEM, E. et al. Gravidez na adolescência: Perfil sócio-demográfico e comportamento de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, 2007, 23(1), 177-186. doi:10.1590/S0102-311X2007000100019

DIAS, A. C. G.; TEIXEIRA, M. A. P. (2010). Gravidez na adolescência. Paideia, 20(45), 123-131

DIAS, A. C. G.; GOMES, W. B. **Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes**. Psicol. Reflex. Crit., 1999, vol.13, no.1, p.109-125. ISSN 0102-7972

DINIZ, E.; KOLLER, S. H. Fatores associados à gravidez em adolescentes brasileiros de baixa renda. Paidéia (Ribeirão Preto), Dez 2012, vol.22, no.53, p.305-314. ISSN

DOMINGOS, S. R. F. et al. Experiência de mulheres com aborto provocado na adolescência por imposição da mãe. Rev. Latino-Am. Enfermagem, July 2013, vol.21, no.4, p.899-905. ISSN 0104-1169

FARIA E. C. R. et al. Abortamento na adolescência: vivência e necessidades de cuidado. Rev Gaúcha Enferm. 2012;33(3):20-26.

FIGUEIRÓ, A. C. Condições de vida e saúde reprodutiva de adolescentes residentes na comunidade de Roda de Fogo, Recife. Rev. Bras. Saude Mater. Infant., Dez 2002,

GODINHO, R. A. et al. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, SP, v. 8, n. 2, p. 25-32, 2000.

HEILBORN, M. L. et al. Aproximações sócio-antropológicas sobre a gravidez na adolescência. Horizonte Antropológico, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 13-45, 2002.

HOGA, L. A. K. **Maternidade na adolescência em uma comunidade de baixa renda: experiências reveladas pela história oral.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, Apr 2008, vol.16, no.2, p.280-286. ISSN 0104-1169

HOGA, L. A. K et al. **Gravidez na adolescência: valores e reações dos membros da família.** Acta paul. enferm., Dez 2009, vol.22, no.6, p.779-785. ISSN 0103-2100

HOGA, L. A. K.; BORGES, A. L. V.; REBERTE, L. M. **Razões e reflexos da gravidez na adolescência: narrativas dos membros da família.** Esc. Anna Nery, Mar 2010, vol.14, no.1, p.151-157. ISSN 1414-8145

IBGE, 2000. <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/08052002fecundidade.shtm>.

IBGE, 2010: www.ibge.gov.br/.../00000008473104122012315727483985.pdf - acesso em 25/04/2017.

JOSEANE, A. T. et al. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. Cad. Saúde Colet., 2014, Rio de Janeiro, 22 (1): 16-24

LIMA, C. T. B. et al. Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. Rev. Bras. Saude Mater. Infant., Mar 2004, vol.4, no.1, p.71-83. ISSN 1519-3829

MALTA, D. C. et al. Saúde sexual dos adolescentes segundo a pesquisa nacional de saúde dos escolares. Rev Bras Epidemiol. 2011;14(Suppl 1):147-56.

MONTEIRO, C. F. S. et al. **A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas.** Rev. bras. enferm., Ago 2007, vol.60, no.4, p.373-376. ISSN 0034-7167

MORAIS, F. R. R.; GARCIA, T. R. Gravidez em mulheres adolescentes: a ótica de familiares. Rev. bras. enferm., Ago 2002, vol.55, no.4, p.377-383. ISSN 0034-7167

MOREIRA, T. M. M. et al. **Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez.** Rev. esc. enferm. USP, Jun 2008, vol.42, no.2, p.312-320. ISSN 0080-6234

NERY, I. S. et al. **Reincidência da gravidez em adolescentes de Teresina, PI, Brasil.** Rev. bras. enferm., Fev 2011, vol.64, no.1, p.31-37. ISSN 0034-7167

NETO, F. R. G. X. et al. **Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes.** Rev. bras. enferm., Jun 2007, vol.60, no.3, p.279-285. ISSN 0034-7167

RENEPONTES, P.; EISENSTEIN, E. **Gravidez na adolescência: a história se repete.** Adolescência & Saúde. vol. 2, n 3. Set 2005. Pg. 11-15.

PARIZ, J.; MENGARDA, C. F.; FRIZZO, G. B. A atenção e o cuidado à gravidez na adolescência nos âmbitos familiar, político e na sociedade: uma revisão da literatura. Saude soc., Set 2012, vol.21, no.3, p.623-636. ISSN 0104-1290

PERSONA, et al. Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas num ambulatório de pré-natal. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Out 2004, vol.12, no.5, p.745-750. ISSN 0104-1169

ROSSETTO, et al. Maternidade na adolescência: indicadores emocionais negativos e fatores associados em mães de 14 a 16 anos em Porto Alegre, RS, Brasil. Ciênc. saúde coletiva, Out 2014, vol.19, no.10, p.4235-4246. ISSN 1413-8123

SABROZA¹, A. R. et al. **Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001).** Cad. Saúde Pública, 2004, vol.20, suppl.1, p. S130-S137. ISSN 0102-311X

SABROZA², A. R. et al. **Perfil sócio-demográfico e psicossocial de puérperas adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil - 1999-2001.** Cad. Saúde Pública, 2004, vol.20, suppl.1, p. S112-S120. ISSN 0102-311X

SILVA, L.; TONETE, V. L. P. **A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado.** Rev. Latino-Am. Enfermagem, Abr 2006, vol.14, no.2, p.199-206. ISSN 0104-1169

TABORDA, J. A. et al. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. Cad. saúde colet., Mar 2014, vol.22, no.1, p.16-24. ISSN 1414-462X

Gravidez na adolescência relacionada ao tipo familiar e diálogo com os pais: revisão literária.

TAQUETTE, S. R. HIV/AIDS among adolescents in Brazil and France: similarities and differences. Saude Soc. 2013;22(2):618-28. 2013

XIMENES, N. F. R. G. et al. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. Rev. bras. enferm., Jun 2007, vol.60, no.3, p.279-285.

ANEXOS

Autor: David Feliciano Pereira

Endereço: Rua Archangelo Massaro n. 322, Jardim São Paulo – Londrina/PR.

Telefone: (43) 99123 2369 vivo – (43) 98476 5095 oi – (43) 3338 2038 fixo

Email: davidfp_@hotmail.com